

SALVADOR, 29 de outubro de 1964

Prezadíssimo Glauber,

estou com sua última carta, em que você não pôs data, mas deve ser mais ou menos de dia 13, pelo carimbo do correio.

Você acusa o recebimento do artigo, acrescenta que "seria demais dizer que muito me fez bem, menos pelos elogios, mais por saber que não lhe decepcionei", porém não diz se eu é que lhe decepcionei ou não, por haver compreendido eu não suas intenções de autor, quanto a espírito e forma. Fico, aliás, a desconfiar que você não gostou do artigo. Primeiro, ~~houvera~~ houve aquele silêncio total, apesar dos telegramas. Depois, você em duas linhas, dizendo tão-só o que reproduzi, mata o assunto e vai embora numa carta aliás longa. Fale com franqueza: o artigo do velho decepcionou as jovens?

Sinto que você esteja parado. Mas, antes parado do que filmando Nelson Rodrigues, ainda que fôsse a pega mais aceitável do monstro. Incluo-me entre os que detestam o famoso dramaturgo. Que impéria e talento que tem, se escreve o pior, em vez de melhor?

Eu gostaria que você me mandasse mesmo o roteiro do filme que planeja. Mas, não acredito que você possa fazê-lo. Sem condescender, você pode partir para outras histórias. Não precisa cair no hermetismo como Alan Resnais nem ir para um universo fechado como o de Antonioni, mas creio que o artista, para dizer, tem o direito de fazer como Fellini fez, na auto-biografia que é "Oito e Meio", acima de todos os convencionalismos, mesmo que poucos entendam. Afinal, quantos realmente entendem homens como Brecht, Sartre, Pratolini, que não são reacionários? Depois, se o público não entende, a culpa não será daqueles que desejam elevá-lo, mas dos que o rebaixam à condição de não pensar.

Haverá aqui em fevereiro a V Jornada Nacional de Cineclubes e a I Mostra de Curtas Metragens, também nacional. Entre os prêmios, um de meio milhão que arranjei com o Banco Econômico. Você conhece o Walter Pontes? É um dos organizadores aí.